

A man with dark hair and a bare torso is wearing an extremely large, voluminous tutu. The tutu is composed of many layers of tulle, with the top layers being a light blue color and the bottom layers transitioning into a deep pink or magenta. He is posed with his arms outstretched, one hand pointing upwards and the other downwards, looking off to the side. The background is a solid, vibrant red.

CCB

17 NOV 25

**O DELÍRIO AMOROSO
DE HANDEL
GABETTA CONSORT
E SAMUEL MARIÑO**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

segunda-feira, 20h00

+6

Duração aproximada: 90 minutos

Sopranista **Samuel Mariño**

Direção Musical **André Gabetta**

Gabetta Consort

Programa

Henry Purcell (1659–1695)

Curtain Tune on a Ground – Timon of Athens Z 632

Georg Friederich Handel (1685–1759)

Ária Scherza in Mar la Navicella – Lotario HWV 26

Antonio Vivaldi (1678–1741)

Concerto para violino em Ré maior Grosso Mogul RV 208

Allegro – Grave – Allegro

Georg Friederich Handel

Ária Lascia la spina – Il Trionfo del Tempo e del Disinganno HWV 46a

Antonio Vivaldi (1678–1741)

Concerto para violino em Dó maior RV 190

Allegro – Largo – Allegro

Carl Heinrich Graun (1704–1759)

Ária Tra le procelle assorto – Cesare e Cleopatra

- INTERVALO -

Georg Friederich Handel (1685–1759)

Cantata Il Delirio Amoroso [Da quel giorno fatale] HWV 99

Introduzione

Recitativo Da quel giorno fatale

Aria (Allegro) Un pensiero voli in ciel

Recitativo Ma fermati pensier

Aria Per te lasciai la luce

Recitativo Non ti bastava ingrato

Aria Lasciai, omai, le brune vele

Recitativo Ma siamo giunti in Lete

Entrée

Minueto – In queste amene piagge serene – Minueto – Pietà, valore, gloria ed onore

Recitativo Sì, disse Clori – Minueto



Samuel Mariño © Robbie Ewing

*Il Delirio Amoro*so é uma cantata dramática composta por Handel em Roma em 1707, a partir de um libreto do cardeal Benedetto Pamphili. Ilustre membro desta poderosa família romana, Benedetto ocupou um lugar cimeiro na vida cultural e artística de Roma nos séculos XVII e XVIII, distinguindo-se como membro da prestigiada «Accademia dell'Arcadia» e grande colecionador de pintura flamenga. Hoje é particularmente recordado pelo seu patrocínio a eminentes músicos – como Alessandro Scarlatti, Corelli, Lulier, Melani, Antonio Maria Bononcini e Cesarini – e por ter produzido uma relevante obra poética como libretista de óperas, oratórias e cantatas. Enquanto mecenas do jovem Handel, não só lhe permitiu o acesso às elites romanas, como financiou várias das suas obras, nomeadamente a oratória, também composta em 1707, *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*, composta sobre um libreto da sua autoria.

Compositor e patrono estabeleceram uma amizade duradoura, expressa nas várias cantatas em que Handel musicou poesias do cardeal, nomeadamente a polémica obra *Hendel non può mia musa*, em que este compara o alemão de 22 anos ao mitológico Orfeu, com discretas conotações homoeróticas. Anos mais tarde Handel, já em Londres, depreciará as lisonjas do antigo patrono, chamando-lhe «velho pateta».

A cantata explora os extremos sentimentais a que conduz uma paixão exacerbada, desde a volúpia até ao tormento, num contexto pastoral idealizado, inspirado pela antiguidade clássica e favorecido pelo academismo arcádico. Num período em que a ópera estava proibida na Roma papal (pela alegada imoralidade das frequentes histórias pagãs e perniciosidade do espetáculo e dos seus intervenientes), a apresentação de uma extensa cantata dramática como esta, alternando recitativos, árias e peças instrumentais, oferecia um divertimento alternativo, doméstico (e por isso fora do controlo eclesiástico) e espetacular – por recorrer a uma larga orquestra, com solos para diversos instrumentos concertantes (oboé, violino, violoncelo e flauta), não só na sinfonia introdutória, mas também em vários dos números vocais –, sendo simultaneamente mais económico.

Herdada da ópera é a estruturação numa sucessão alternada de recitativos secos (isto é, sem acompanhamento orquestral) e árias, estas predominantemente sob a forma «Da Capo» (uma forma tripartida em que uma secção principal mais extensa e elaborada é repetida, com ornamentos improvisados, após uma parte central contrastante, mais breve e íntima). A sua variedade reflete a ampla gama sentimental do texto poético, servindo para o cantor — um eminente *castratto* — exibir o vasto leque das suas capacidades técnicas e expressivas. Esta clara influência operática reflete-se na forma híbrida da obra, pois a habitual cantata de câmara, de um carácter predominantemente lírico, era muito mais breve e com um acompanhamento muito mais reduzido, confiado ao baixo contínuo. Outra ambivalência manifesta-se na influência francesa, não ao nível da linguagem musical, marcadamente italiana, mas pela inclusão de um *divertissement* conclusivo, constituído por uma *entrée* instrumental e um minueto, alternadamente cantado e tocado (e, quiçá, também originalmente dançado), emulando uma fórmula favorecida em Paris em obras lírico-dramáticas e bem recebida em Roma num período em que a hegemonia cultural francesa dominava a Europa.

Curtain Tune é um termo usado para designar uma obra tocada diante da cortina fechada do teatro, antes do início da peça ou num dos seus intervalos. Este *ground* de Purcell é uma composição baseada num baixo *ostinato*, ou seja, repete-se incessantemente desde o início ao fim da obra, à semelhança das chaconas e passacalhas (de facto, a transcrição para tecla, incluída na edição das obras do compositor publicada em 1696, intitula-se *Chaconne*). A peça, de um carácter intenso e quase fatal, não parece ter qualquer relação com a breve e divertida *Mask* sobre a disputa entre os poderes do amor e do vinho, que constitui o restante da música de Purcell, composta em 1694 para a adaptação seiscentista (por Thomas Shadwell) de *Timon of Athens*, comédia de Shakespeare.

Scherza in Mar la Navicella é uma ária composta por Handel em 1729 para *Lotario*. Com libreto de Antonio Salvi, e estreada no King's Theatre de Londres, foi uma das suas óperas menos aclamadas. Rica em coloratura, é cantada pela rainha Adelaide no final do primeiro ato. *Lascia la spina* é extraída da já mencionada oratória *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*. A sua lânguida e melancólica melodia deriva de uma sarabanda composta dois anos antes para a primeira ópera de Handel, *Almira*, mas hoje é sobretudo conhecida na versão revista de 1711, incluída na ópera *Rinaldo* com o texto *Lascia ch'io pianga*.

Cesare e Cleopatra é um *dramma per musica* em três atos composto por Carl Heinrich Graun sobre um libreto de Giovan Gualberto Bottarelli e encomendado por Frederico II da Prússia para a inauguração da Ópera Real de Berlim, em 1742. Graun, o compositor favorito do rei, compô-la num estilo decalcado dos modelos italianos contemporâneos, que exemplifica bem a «idade de ouro» da Ópera Séria na Europa. A ária *Tra le procelle assorto* é uma ária virtuosística de Cleópatra, originalmente cantada pela soprano Maria Giovanna Gasparini.

O *Concerto para violino Grosso Mogul* é uma das mais antigas obras de Vivaldi. Sobrevive em três manuscritos e uma edição impressa: uma partitura autógrafa em Turim; duas cópias das partes instrumentais em Schewerin (Alemanha) e em Cividale del Friuli (Itália); e como concerto 11 do Op.7, publicado em Amesterdão por Estienne Roger em 1720. Esta versão, mais simples, possui um diferente andamento central e a sua origem é contestável. O exótico título (*Grande Mongol*) parece aludir ao libreto operático *Il Gran Mongol*, de Domenico Lalli, musicado em 1713 por Mancini em Nápoles; por Giovanni Porta em Veneza em 1717; e pelo próprio Vivaldi em Praga em 1730 — nestas duas últimas versões sob o nome *Argippo*.

Contudo o concerto deverá preceder este apodo (que apenas aparece nos manuscritos de Schwerin) pois, já ao redor de 1713/14, a obra foi arranjada para órgão por J. S. Bach (BWV 594). As duas coleções de partes manuscritas, bem como esta transcrição, incluem diferentes versões de duas extensas e virtuosísticas cadências, destinadas ao primeiro e último andamentos. O *Concerto para violino em Dó maior* é uma obra relativamente tardia, composta na década de 1730, e que sobrevive num manuscrito autógrafa na coleção Giordano em Turim, juntamente com outros 34 concertos do compositor. O concerto, particularmente rico em dramáticos contrastes dinâmicos e de textura e muito exigente em termos técnicos, foi meticulosamente revisto por Vivaldi numa data posterior, quando reescreveu uma grande maioria dos solos, de forma a aumentar ainda mais a complexidade das figurações da parte solística.

Fernando Miguel Jalôto



© Olivier Allard

Samuel Mariño

Sopranista

O talento vocal único e a presença cintilante em palco de Samuel Mariño já lhe valeram uma reputação notável e permitiram-lhe explorar repertórios barrocos e clássicos para deleite dos públicos de todo o mundo.

As últimas temporadas foram marcadas por estreias de destaque, incluindo as suas primeiras atuações na América do Norte com a Tafelmusik Baroque Orchestra e com a Camerata Pacifica em Los Angeles e Santa Bárbara; com a Australian Brandenburg Orchestra sob a direção de Paul Dyer; e em Berlim, no Konzerthaus, com a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin sob a direção de Keri-Lynn Wilson, no concerto de beneficência Rebuild Ukraine. Apresentou também um programa com árias de Mozart, Gluck e dos menos conhecidos Cimarosa e Bologne na Den Norske Opera, regressando na temporada seguinte para o Concerto do 50.º Aniversário do Norway Pride.

Entre os papéis recentes em ópera, destacam-se Zambinella em *Sarrasine* de Handel (baseada no romance homónimo de Balzac), apresentada no Festival Handel de Göttingen, e a sua estreia operática no Reino Unido, como Iris, na primeira produção de sempre de *Semele* de Handel no Festival de Glyndebourne, com a Orchestra of the Age of Enlightenment sob a direção de Václav Luks.

Samuel Mariño iniciou a sua formação artística como bailarino na Escola Nacional de Dança da Venezuela, antes de iniciar os estudos de piano e canto no Conservatório Nacional de Música. Em 2017, recebeu o «Prémio de Interpretação» no Concurso Internacional de Canto da Ópera de Marselha e venceu o «Prémio do Público» do concurso Neue Stimmen. Atualmente, é orientado de perto pela reconhecida soprano Barbara Bonney e é bolseiro do Rotary Club de Salzburgo. Em 2019, fundou o Ensemble Teseo, com o objetivo de trazer obras e técnicas barrocas esquecidas de volta ao grande público.



Andrés Gabetta

Direção Musical

Sempre em busca de uma sonoridade rica e de contrastes coloridos, recorrendo a instrumentos da Belle Époque, Gabetta atua como solista e concertino principal em prestigiadas salas de concerto, como a Elbphilharmonie de Hamburgo, a Philharmonie de Berlim, a Philharmonie de Colónia, o Musikverein de Viena, a Philharmonie de Paris, o Concertgebouw de Amsterdão, o KKL de Lucerna e o Théâtre des Champs-Élysées. Tem partilhado o palco com artistas de renome como Franco Fagioli, Sol Gabetta, Julia Lezhneva, Giuliano Carmignola, Vivica Genaux, Simone Kermes, Nuria Rial, Maurice Steger, Gábor Boldoczki e Sergei Nakariakov.

Andrés Gabetta interpretou a maioria das grandes obras-primas barrocas; ao mesmo tempo, explorou obras menos conhecidas e inéditas do repertório do período — algumas descobertas por si próprio após anos de investigação.

Com o incentivo de Christophe Coin, Gabetta começou a explorar a sensualidade da música barroca por

volta do ano 2000, como concertino principal do Ensemble Baroque de Limoges. Mais tarde, continuou essa experiência com a Basel Chamber Orchestra, antes de fundar, em 2011, a Cappella Gabetta, juntamente com a sua irmã Sol.

Em 2017, colaborou pela primeira vez com a célebre cantora de ópera Cecilia Bartoli, na gravação do álbum *Dolce Duello*. Pouco depois, voltou a partilhar o palco com Bartoli, interpretando *As Quatro Estações* de Vivaldi numa digressão europeia como solista.

Gabetta Consort

Em 2019, surgiu Gabetta Consort, fruto do desejo de Andrés Gabetta de redescobrir um repertório italiano e francês barroco rico, incomum e inédito. Procurando aliar as belezas dos dois estilos, Gabetta Consort foi concebido como um ensemble flexível, capaz de se adaptar a diferentes formações — desde quintetos até sinfonias de câmara.

Andrés Gabetta conseguiu reunir à sua volta alguns dos melhores músicos barrocos do mundo. Juntos, têm gravado concertos de violino raros e obras clássicas reinterpretadas, refletindo o estilo singular de Gabetta, com a colaboração de grandes solistas internacionais.

JÁ A SEGUIR
CICLO SEXTA MAIOR – ORQUESTRA
A DINASTIA BACH
ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA
E JULIEN CHAUVIN

12 DEZ

sexta-feira, 20h00
Pequeno Auditório
+6





SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

